



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

MARIA ISABEL BRASILIANO DE OLIVEIRA

**A AVAREZA EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*,
DE MACHADO DE ASSIS**

**GUARABIRA/PB
2024**

MARIA ISABEL BRASILIANO DE OLIVEIRA

**A AVAREZA EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*,
DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras — Português da Universidade Estadual da Paraíba — Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Área de concentração: Estudos socioculturais pela literatura.

Orientador: Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza

**GUARABIRA/PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48a Oliveira, Maria Isabel Brasiliano de.
A avareza em memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis [manuscrito] : / Maria Isabel Brasiliano de Oliveira. - 2024.
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Brás Cubas. 2. Machado de Assis. 3. Perdularismo. 4. Avareza. I. Título

21. ed. CDD B869.09

MARIA ISABEL BRASILIANO DE OLIVEIRA

**A AVAREZA EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS,
DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras — Português da Universidade Estadual da Paraíba — Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Área de concentração: Estudos socioculturais pela literatura.

Aprovação em 05 / 06 / 2024

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza (orientador)
Universidade Estadual da Paraíba


Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (examinador)
Universidade Estadual da Paraíba


Profa. Me. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins (examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba

LISTA DE QUADROS

- Quadro 01:** representações da avareza nos livros de Provérbios, Eclesiastes e Eclesiástico 12
- Quadro 02:** trechos onde ocorrem termos correlatos à relação de Brás Cubas com o dinheiro e com a avareza..... 18

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 ACERCA DAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: UMA ABORDAGEM CRÍTICA.....	8
3 REFLEXÕES EM TORNO DA AVAREZA.....	10
4 A AVAREZA EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, DE MACHADO DE ASSIS: ALGUMAS REPRESENTAÇÕES.....	18
4.1 Relações de Brás Cubas com o dinheiro.....	20
4.2 Relações de Brás Cubas com a avareza.....	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
6 REFERÊNCIAS	26

A AVAREZA EM MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, DE MACHADO DE ASSIS

Maria Isabel Brasiliano de Oliveira¹

Resumo: Desde a sua publicação, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, têm favorecido diversos percursos críticos que notabilizaram essa obra como um cânone da literatura brasileira do século XIX. Sejam pesquisas sobre sua natureza estética ou suas representações sociais, todas elas têm contribuído para formatar uma extensa fortuna crítica. Nosso trabalho, nesse sentido, soma-se a esse arsenal interpretativo ainda em curso de construção sobre essa obra. Diante disso, nosso estudo visa analisar a representação da avareza presente nesse romance machadinho, a partir de trechos selecionados onde podem ser encontrados termos que referendam a questão. Portanto, a partir de uma pesquisa qualitativa, de base bibliográfica e exploratória, com base nos postulados de Belo e Mazação (2006), Costa e Silva (2007), Prado, Correia e Campos (2020), dentre outras autorias, desenvolvemos uma interpretação em torno da avareza com foco para o discurso narrativo do personagem-narrador Brás Cubas em sua atuação avaliativa da avareza qualificado personagens que o rodeiam na trama. Como resultados, percebeu-se que o juízo sobre a avareza não é construído como uma auto qualificação de Brás Cubas, mas um modo de pontuar qualidades avarentas em Cotrim e Viegas. Ademais, o defunto autor constrói sua própria definição de avareza, distanciando-se do teor negativo, deixando de ser um vício para ser uma virtude.

Palavras-chave: Brás Cubas; Machado de Assis; Avareza; Perdularismo.

1 INTRODUÇÃO

Memórias póstumas de Brás Cubas, romance memorável na literatura brasileira, do qual já se renderam diversos estudos, é uma obra do século XIX que ainda possui alguns percursos críticos a serem desenvolvidos. Na nossa proposição de leitura decidimos por realizar uma intervenção crítica com base nas representações da avareza possíveis de serem rastreadas no romance. Disso advém nossa questão de pesquisa que está assim descrita: como a avareza é representada na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, nos trechos selecionados para interpretação? Quanto a essa seleção, buscamos trechos nos quais a dimensão da falta de generosidade e da ambição por dinheiro pudessem favorecer um retrato da visão narrativa onde isso ocorre no texto.

Dito isso, o nosso trabalho intitulado “A avareza em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis” tem por objetivo geral compreender como a avareza é representada na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Portanto, para desenvolvê-lo, propomos os seguintes objetivos específicos: a) discutir a noção de avareza numa perspectiva cultural; b) identificar a avareza em trechos do romance em que ela é significativa; c) interpretar como a avareza se constitui nos trechos selecionados do romance. Cada um desses objetivos revelam os passos perseguidos nessa nossa intervenção que gira em torno das definições de avareza e suas aproximações com o que o texto machadiano apresenta.

Ao realizar essa pesquisa percebemos que Machado de Assis, como já mencionado, em alguns trechos do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, desenvolve elementos que podem ser interpretados como indícios de manifestação

¹ Graduada em Letras - língua portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba, campus III. E-mail: maria.brasiliano@aluno.uepb.edu.br

da avareza nas representações enunciadas pelo narrador-personagem. Diante disso, cremos que, essa perspectiva que contempla a interpretação da avareza, torna-se importante para a leitura desse texto seminal da literatura brasileira, uma vez que ele possui relações com essa temática.

Assim, a fim de desenvolver nosso olhar crítico nesse texto, a partir dessas considerações, nos portamos de algumas contribuições teórico-críticas que contribuíram para o desenvolvimento do nosso olhar sobre o romance em questão. São eles: Belo e Mazagão (2006), Costa e Silva (2007), Prado, Correia e Campos (2020), dentre outras autorias.

Metodologicamente, a pesquisa desenvolveu-se como qualitativa de base bibliográfica e exploratória, uma vez que nos portamos de algumas autorias teóricas, acima mencionadas, que favoreceram a base reflexiva das nossas ponderações críticas. Nisso reside o teor bibliográfico. Quanto ao aspecto exploratório, nossa questão de pesquisa incide na busca por índices textuais que remetem ao aspecto da avareza, em suas representações narrativas nessa obra machadiana em tela. Por tanto, ao encontramos esses índices, tecemos comentários sobre como sua perspectiva de representação desenvolve o conteúdo cultural acerca da avareza, com os quais buscamos para diálogo nos teóricos utilizados nessa investigação.

A fim de comunicar nossa pesquisa, dividimos o texto com as seguintes partes. Primeiramente, no item “Acerca das *Memórias póstumas de Brás Cubas*: uma abordagem crítica” propusemos um resumo da narrativa, de modo a demonstrar alguns elementos importantes para que o leitor ainda não familiarizado com essa obra compreenda o conteúdo nela narrado. Seguindo, na seção “Reflexões em torno da avareza” evidenciamos como essa noção é compreendida por diversas autorias. Aqui, comentamos desde trechos bíblicos que dispõem dessa conceituação, até autorias teóricas contemporâneas que se propuseram refletir sobre o assunto. Depois, no item intitulado “A avareza em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis: algumas representações” destacamos trechos do romance para interpretação de como o aspecto da avareza são neles dimensionados. Por fim, nas “Considerações finais”, realizamos um balanço geral da nossa investigação e dispomos algumas reflexões para futuras pesquisas.

2 ACERCA DAS MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: UMA ABORDAGEM CRÍTICA

O propósito desta parte do nosso estudo é explicar ao leitor sobre a criação narrativa, de um autor-personagem falecido, intitulada *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Essa narrativa, publicada por Machado de Assis, inicialmente em folhetim em 1880 e posteriormente reunida em livro em 1881, narra a tentativa de Brás Cubas de reconstruir sua história depois de sua morte. Nesta pesquisa, embora investiguemos a conexão da obra com o tema da avareza, agora apresentaremos de forma geral a trama do livro. Brás Cubas inicia um relato sobre sua vida e seus amores, estabelecendo um diálogo importador com o leitor, utilizando-se do recurso formal do narratário interpelado, na construção do romance, iniciando o texto partindo de sua

morte.

Redigidas postumamente pelo narrador-personagem Brás Cubas, essas memórias constituem um romance significativo, de leitura desafiadora, porém profundamente reflexiva. A postura de Brás Cubas ao se autodenominar “defunto-autor”, ou seja, alguém que narra sua existência para além do túmulo, sugere uma narrativa, supostamente, isenta, desprovida das mentiras que permeiam o mundo terreno e suas ilusões. Como narrador, Brás Cubas retrata sua vida e suas experiências. Assim, uma das chaves para compreender a obra é a desconfiança em relação ao narrador, suscitando dúvidas quanto à veracidade do relato presente na obra de Machado de Assis, originalmente publicada nos anos finais do século XIX.

Brás Cubas, nesse romance, narra sua morte, atribuindo-a à pneumonia, embora saiba que outras causas contribuíram para seu fim, desafiando o leitor a julgar por si mesmo. Revela seu relacionamento com mulheres, inclusive pagando uma delas para estar consigo, o que enfurece seu pai, levando-o a enviá-lo para estudar em Portugal. Ao longo do tempo, enfrenta perdas significativas, como a morte da mãe e das mulheres de sua vida, revelando seu egoísmo e hipocrisia ao buscar apenas satisfação pessoal. Demonstrando um pessimismo radical e uma análise impiedosa de si mesmo, Brás Cubas reflete sobre sua vida, seu desejo por fama e sua tentativa frustrada de sucesso político. Ironicamente, morre enquanto trabalha em um medicamento, decidindo, por fim, escrever um livro para relatar sua vida póstuma.

Na obra, após a morte do pai de Brás Cubas e de sua mãe, ocorre uma reviravolta, pois sua própria irmã, Sabina, entra em conflito com ele devido à herança paterna. Ela deseja arranjar uma esposa para Brás Cubas, mas ele não está interessado. Com o passar dos anos, o personagem principal desse romance machadiano conhece Nhã-loló. Essa personagem é condicionada por Sabina como uma pretendente para seu irmão, porém acaba falecendo de febre-amarela. Sabina discute com seu irmão e seu cunhado Cotrim sobre a divisão da herança. Diante disso, Brás Cubas decide ficar com uma parte para si, enquanto sua irmã deseja tudo, mas acabam dividindo todos os bens da família. Isso acaba afetando sua relação com sua irmã, mas eventualmente eles se reconciliam.

Brás Cubas, um homem de ganância e desejos, envolve-se com diversas mulheres, como Virgília, Eulália, Eugênia e Marcela, ignorando, sempre, as intenções de sua irmã em arranjar-lhe uma esposa. O narrador-personagem é, também, um vaidoso, egoísta e hipócrita.

Memórias Póstumas de Brás Cubas retrata um protagonista que, mesmo após sua morte, narra sua vida e seus amores, incluindo sua relação com o emplasto e sua amizade com Quincas Borba – personagem esse que será abordado em outra obra de título homônimo, do mesmo autor. Sobre ele, amigo de Brás Cubas, herda uma fortuna, mas a doa a um mendigo que a esbanja no Rio de Janeiro, retornando apenas com seu cão.

Uma das ações narrativas que mais se estende na obra é o caso adúltero de Brás Cubas com Virgília, mulher casada e mãe de família. Com o passar do tempo, e sob os cuidados de Dona Plácida, personagem que zela pelo caso, o romance torna-se público. O falecimento de Dona Plácida abala Brás Cubas e Virgília, levando-o a

um estado de choque, mas, ao mesmo tempo, de indiferença com esse fato.

A obra machadiana aqui destacada é rica em sarcasmo e ironia, elementos que permeiam toda a narrativa sendo personificados através do protagonista Brás Cubas. Desde o início, ele revela-se como um narrador cínico e mordaz, cujas reflexões sobre sua própria vida e a sociedade em que vive são pontuadas por comentários irônicos e humor ácido. Seu tom de desprezo pelas convenções sociais e morais reflete uma profunda dimensão psicológica, revelando um personagem complexo e muitas vezes contraditório.

A vaidade e ambição de Brás Cubas são temas recorrentes ao longo da narrativa, refletindo sua busca incessante por *status* e poder. Seus esforços para se tornar um político influente e sua tentativa de conquistar a imortalidade através de seus experimentos com o emplasto demonstram uma ânsia inquieta por significado e realização. No entanto, sua vaidade é muitas vezes sua ruína, levando-o a cometer erros e tomar decisões questionáveis que acabam por levá-lo ao fracasso.

Resumindo, temos os seguintes personagens no romance, conforme dispomos a seguir: Brás Cubas, o protagonista e narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, apresenta-se como um defunto autor, expondo três passagens cruciais de sua vida: seu nascimento, adolescência e morte, começando sua narrativa pelo último evento. Virgília, filha de um conselheiro, é casada com Lobo Neves, um político. Entretanto, ela mantém um caso com Brás Cubas, cuja primeira paixão da adolescência foi Marcela, levando-o a gastar muito e ser enviado a Portugal. Além disso, Brás Cubas tem um breve relacionamento com Eugênia, filha de D. Eusébia e do senhor Vilaça, enquanto seu amigo de escola, Quincas Borba, desenvolve o Humanitismo², uma doutrina filosófica.

Em última análise, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma reflexão profunda sobre a condição humana, permeada pelo sarcasmo e pela ironia. Brás Cubas emerge como um anti-herói singular, cujas paixões, vaidade e ambição o levam a uma jornada de autodescoberta e autocrítica. Também, analisa personagens e comportamentos em um contexto histórico marcado por debates político-sociais, apresenta um “defunto-autor”, construindo um romance, com uma dedicatória aparentemente indiferente ao leitor, característica marcante do texto. Sua narrativa nos convida a questionar não apenas nossos próprios valores e aspirações, mas também a natureza da existência e o significado da vida.

3 REFLEXÕES EM TORNO DA AVAREZA

Seguindo com a nossa abordagem de leitura, após apresentar a obra machadiana em foco, iniciamos, antes de proceder à interpretação dos trechos do

² Teoria concebida por Quincas Borba, amigo de Brás Cubas, o Humanitismo é descrito como uma forma de seleção natural, influenciada pelas ideias de Charles Darwin. Tal ideia teórica considera que a competição e a guerra são meios de seleção. Isso pode ser exemplificado pelo cenário de duas tribos lutando por recursos limitados, como uma plantação de batatas. Dessa forma, a paz e a preservação ocorrem através do conflito, no qual prevalece uma tribo enquanto a outra sucumbe. Quincas Borba sintetiza esse construto teórico no célebre enunciado: “Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.”

romance selecionado para o estudo, um percurso teórico que contempla as definições de avareza, a partir de diferentes posicionamentos críticos. Queremos afirmar, em primeiro lugar, que nosso ponto de vista sobre a matéria não visa compreender o aspecto valorativo, ou seja, de juízo, sobre a representação do elemento aqui investigado. Por fim, nos interessamos pelos modos como esse fenômeno é interpretado pela cultura, sendo essa, à próxima da produção machadiana, aquela que, em tese, cumpriu orientar a gestação do processo narrativo do autor na configuração da personagem Brás Cubas.

Dito isso, contemplamos aqui, inicialmente, a abordagem favorecida pela teologia e pelo discurso bíblico. Entendemos que o caráter epistemológico primaz da matéria é fornecido por esses departamentos do saber. A experiência religiosa, certamente, é a que gesta muitos interditos na sociedade, pois o controle que ela exerce sobre o homem é responsável pela configuração de modos de viver, de ler o mundo e de agir. Evidentemente nem todo processo de construção humana, seja no pensamento ou na atividade empírica, contempla o aspecto religioso de forma específica. Mas, não podemos negar que o fator estruturante dessa experiência molda gestos sociais diversos, mesmo sem uma ancoragem clara de que é por meio do discurso religioso, nas entrelinhas, que se opera a atividade da avareza, enquanto conteúdo classificatório de condutas, modos de viver e visão de mundo.

Posteriormente, discutimos algumas noções que fazem parte de uma pequena reunião de ensaios críticos que trataram sobre a matéria, de certa forma, distanciando-se de uma tradição que evidencia a avareza como pecado necessitando ser disciplinado por um código de moral. Trata-se de estudos que analisam o elemento social implicado na atividade humana para entender seus usos sociais, suas tramas e seus juízos de valor, com os quais, reiteramos, não estamos interessados em tomar posicionamento, mas sim, colocar em foco como essa representação da avareza se constitui como um fenômeno cognoscível.

Para iniciar nossa discussão teórica, nos portamos da definição de avareza, a partir de Costa e Silva (2007):

A avareza, do latim *avaritia*, designa o apego exagerado aos objetos e bens que possui. Está intimamente relacionada à cobiça, que significa a sede do possuir, de ter sempre mais. Juntas, conjugam o impulso de obter, conquistar, trazer para si bens de todo tipo e a inclinação a guardá-los, preservá-los, retê-los para si. Num sentido mais geral, a avareza pode ser vista como um traço universal do Humano. Ela tenta disfarçar o conflito com a busca de bens, mas nunca consegue suprir a sensação de carência, sendo um dos fatores que faz com que a pessoa sinta uma insatisfação constante, buscando cada vez mais adquirir bens, acreditando que com a próxima conquista sentirá satisfação, o que nunca ocorre. (Costa; Silva, 2007, p. 03)

Esta citação aborda a avareza, caracterizando as pessoas avarentas como aquelas que acumulam seu dinheiro e evitam gastar, acreditando que a retenção de seus bens lhes confere valor. A avareza é descrita como uma qualidade negativa, onde o indivíduo, mesmo aparentando ser generoso, não renuncia a nada e teme perder seus recursos. Essas pessoas podem até guardar seu dinheiro de maneira

antiquada, como debaixo do colchão, para evitar que alguém toque em seus bens mais preciosos. Elas sentem a necessidade de proteger seu patrimônio, evitando gastos, pois desconfiam que outras pessoas possam tirar-lhes tudo o que consideram valioso.

O trecho acima descrito, também, analisa o discurso sobre a avareza presente na Bíblia, destacando como ele aborda o comportamento de indivíduos que se consideram superiores devido à sua riqueza. Essa atitude leva muitas pessoas a tentarem modificar seu comportamento influenciadas pelo dinheiro, enquanto outras, que possuem poucos recursos, acabam se sentindo desanimadas, haja vista o valor social ligado ao poder demandado financeiramente em bens de consumo. Embora tenham, tais pessoas ligadas ao dinheiro, nem sempre conseguem efetuar essas mudanças de maneira bem-sucedida. É crucial reconhecer que a posse de dinheiro não justifica a humilhação ou desprezo públicos, ou privados. Diante de qualquer ato de crueldade, é importante refletir sobre o lugar da riqueza na sociedade com sinônimo de benesses. Algo que não traz, em tese, a felicidade enquanto um estado de plenitude. Deve-se ponderar sobre o que se pode fazer por aqueles que necessitam de amizade, carinho e amor fraterno, pois esses são os verdadeiros valores que se precisa cultivar, para manter o bem comum, na sociedade contemporânea.

A partir dessas considerações, no quadro abaixo reunimos alguns discursos sobre a avareza, a partir da Bíblia. Entendemos que a obra machadiana, assim como muitas obras no contexto brasileiro, se porta de elementos bíblicos para sua construção narrativa. Não devemos esquecer, sobre esse quesito, a publicação em 1904 pelo autor de *Esau e Jacó* que estabelece relação intertextual direta sobre essa narrativa bíblica. Desse modo, a apresentação dos elementos abaixo descritos pode servir de uma reflexão sobre o aspecto moral, que está implicado na conduta do sujeito avaro, aquele que acumula riquezas.

Quadro 01: representações da avareza nos livros de Provérbios, Eclesiastes e Eclesiástico

Provérbios	Eclesiastes
(a) Riqueza conseguida de repente acaba diminuindo; quem ajunta pouco a pouco, se enriquece. (Provérbios 12, 14)	Há outro mal doloroso que vejo debaixo do sol: riquezas que o proprietário acumula para a sua própria desgraça. (Eclesiastes 5, 6)
(b) A riqueza multiplica os amigos, mas o pobre é abandonado até pelo amigo. (Provérbios 18, 20)	
(c) Muita gente bajula o homem importante, e todo mundo é amigo de quem dá presentes (Provérbios 18, 20)	Eclesiástico
(d) É melhor um pobre de comportamento íntegro, do que um rico de conduta perversa. (Provérbios 27, 28)	(a) Muitos pecam por amor ao lucro, e quem busca enriquecer-se age sem escrúpulos. Entre as juntas das pedras finca-se a estaca, e entre a compra e a venda o pecado se infiltra. Se a pessoa não se agarra com firmeza ao temor do Senhor, sua casa logo será destruída. (Eclesiástico 25, 27)
(e) O ambicioso corre atrás da riqueza, e não sabe que vai cair na miséria. (Provérbios 28, 30)	(b) A riqueza não convém para o homem mesquinho, nem grandes bens para o homem invejoso. Quem se priva para acumular, ajunta para os outros. Serão outros que desfrutarão seus bens.
(f) Quem multiplica suas riquezas com usura e juros, acumula para quem se compadece dos fracos. (Provérbios 27, 28)	

<p>(g) O ambicioso corre atrás da riqueza, e não sabe que vai cair na miséria. (Provérbios 28, 30)</p> <p>(h) Riqueza conseguida de repente acaba diminuindo; quem ajunta pouco a pouco, se enriquece. (Provérbios 12, 14)</p> <p>(i) Quem gosta de festa acabará mendigo; quem gosta de vinho e carne boa jamais ficará rico. (Provérbios 21, 22)</p> <p>(j) O injusto está sempre cobiçando, mas o justo distribui e nada retém. (Provérbios 21, 22)</p> <p>(k) Não se glorie do amanhã, porque você não sabe o que o dia de hoje vai gerar. (Provérbios 25, 27)</p>	<p>(Eclesiástico 13, 14)</p> <p>(c) A insônia por causa da riqueza consome o corpo, e a preocupação que ela provoca afasta o sono. (Eclesiástico 29, 30)</p> <p>(d) O rico se afadiga para acumular riquezas e, quando descansa, afoga-se em prazeres. (Eclesiástico 30, 31)</p> <p>(e) Quem ama o ouro não se conserva justo, e quem corre atrás do lucro com ele se perderá. (Eclesiástico 30, 31)</p>
--	--

Fonte: Bíblia (2024)

Os versículos bíblicos supramencionados são provenientes dos livros sapienciais. Também, eles são conhecidos como livros de sabedoria e incluem: Provérbios, Eclesiastes, Sabedoria, Eclesiástico, Salmos, Jó, Cântico dos Cânticos e os livros Deuterocanônicos. Cada um desses livros oferece comentários específicos sobre seus conteúdos. Por exemplo, o livro dos Salmos fornece explicações detalhadas sobre poemas que formalizam o louvor ao divino e a reflexão sobre a vida religiosa. Da mesma forma, os outros livros sagrados são analisados em suas respectivas expressões. No Cântico dos Cânticos, destaca-se a interpretação dos cânticos, especialmente aqueles que se referem às relações entre o amado e a amada, personagens bíblicas que configuram ao relacionamento entre o homem e o transcendente, de um modo contíguo. Os livros sapienciais abordam os eventos narrados na Bíblia Sagrada, utilizados em diversas atividades litúrgicas nas igrejas judaico-cristãs. Nesse sentido de reflexão sobre a sabedoria, destacamos o livro de Jó, no qual são discutidas as razões pelas quais tal personagem perdeu todos os seus bens, filhos e esposa, e o profundo sofrimento que ele enfrentou ao ver sua vida desmoronar. Jó, ao perder os amores de sua vida, encontra-se em um estado de desespero sem saber como proceder após tais perdas. Evidentemente, nossa pesquisa não se debruça com foco nos livros sapienciais, porém, é preciso dizer que o conteúdo epistemológico desses livros formata a ideia cultural da relação entre o homem as riquezas. Enquanto livros que ponderam sobre como se deve proceder, dada sua perspectiva sobre o dever, sendo, ainda, conteúdo moral que atravessa o conceito popular de avareza, ou do perdularismo, como veremos adiante, cremos na necessidade de comentar de modo geral os versículos que se debruçam sobre a questão aqui focalizada.

Na abordagem dos trechos dispostos no quadro, destacamos algumas considerações sobre eles. Encontramos o relato sobre como a riqueza multiplica os amigos, mas também menciona que o rico frequentemente menospreza aqueles que não têm dinheiro e não os ajuda, fazendo-os sentir-se humilhados. Também, se

aborda a mesquinhez, criticando aqueles que não querem gastar seu dinheiro e preferem guardá-lo para si mesmos, ressaltando a diferença de comportamento em relação aos sujeitos não-avarentos. Ainda, encontramos referência à ambição desmedida e como ela leva à ruína financeira, enquanto, também, é explicado que a riqueza acumulada rapidamente tende a diminuir, mas quem economiza gradualmente enriquece. Visualizamos a advertência que aqueles que gostam de festas e prazeres excessivos acabarão na pobreza. A comparação da integridade dos pobres à perversidade dos ricos, é enfatizada considerando que é melhor ser pobre com comportamento íntegro do que rico e perverso. Ainda, destacam-se os perigos de pecar por amor ao lucro, sugerindo que a busca desenfreada pela riqueza leva à corrupção e destruição, enquanto o amor e a ajuda aos necessitados são mais valiosos.

Como vemos, em todas essas ponderações, existem juízos de valor oportunistas da discussão sobre o contato entre o dinheiro, o poder, a riqueza, em contraponto com aqueles que disso estão destituídos. A valorização de uma vida equilibrada, estipuladora do excesso como um estágio desconsiderado na condição humana, é conteúdo atravessador dessas concepções que servem de fundamento para uma cosmovisão, podendo ligar-se ao discurso narrativo da obra aqui estudada, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

Seguimos nossa abordagem de leitura, a partir da conclusão de Ribeiro *et al.* (2020) sobre o aspecto simbólico na sociedade de consumo, considerando a presença da avareza:

Na sociedade de consumo, onde a realidade é socialmente construída, é possível ver na literatura e na pesquisa o apego simbólico aos bens materiais. Pautado no consumo simbólico, os colecionadores sacralizam seu acervo com rituais e sentimentos, mas refutam sentimentos socialmente negativos e confirmam os positivos. (Ribeiro *et al.*, 2020, p. 28)

Verificamos, a partir dos autores mencionados acima, a discussão sobre a sociedade de consumo e seu apego simbólico aos bens materiais. A análise aborda como a sociedade é construída e moldada por esses apegos, que funcionam como rituais e sentimentos. A presença da avareza é frequente e muitas vezes imperceptível; indivíduos que se consideram superiores devido à sua riqueza frequentemente humilham e maltratam aqueles com menos recursos. Desse modo, a avareza é caracterizada pelo desejo de acumular dinheiro sem gastar, refletindo uma atitude mesquinha e egoísta. Por outro lado, há aqueles que gastam excessivamente em busca de prazeres imediatos. A sociedade, portanto, utiliza o consumo simbólico para se afirmar, empregando bens materiais como indicadores de *status* e valor social. Esses comportamentos refletem sentimentos socialmente negativos, que contrastam com a busca por validação positiva.

A avareza, um pecado capital³, é caracterizada pelo apego excessivo aos bens materiais e está intimamente relacionada ao comportamento e consumo dos colecionadores. Esses indivíduos sacralizam seus artefatos por meio de rituais de

³ Um pecado capital seria uma espécie de vício humano que se desdobra em outras atividades maléficas. Essa é uma definição própria da teologia cristã.

organização e procedimentos que conferem significado ao conjunto, movendo-se do coletivo ao particular e retornando ao coletivo. A materialização, nesse contexto, é um ato de consumo que envolve hábitos comportamentais e o preenchimento de lacunas emocionais. Este estudo estabelece a conexão entre a coleção, o consumo e o comportamento do colecionador.

A pesquisa, conduzida por Ribeiro *et al.* (2020), realizada com 79 colecionadores, revelou que cada colecionador tem seus próprios rituais em relação à sua coleção, e que essas coleções possuem representações simbólicas, despertando uma gama de sentimentos e emoções positivas. Além disso, a avareza pode dominar uma pessoa, conferindo-lhe uma sensação de poder e superioridade sobre os outros. No entanto, é preferível ser uma pessoa íntegra com poucos recursos do que alguém com grande riqueza cujo poder reside apenas nos bens materiais. Ao acumular, os pesquisados, tentam, a todo custo, demonstrar justificativas sobre a necessidade da ação que, socialmente, é interpretada como avareza. Vemos que a partir disso, não é nada simples a definição da questão, pois o ideal de aveza, muitas vezes é uma interpretação do outro, do que está fora das condições em que o acumulador de riquezas se encontra.

A pesquisa de Ribeiro *et al.* (2020), no curso de suas ponderações, analisa como o consumo pode se tornar uma experiência transcendente, destacando o comportamento peculiar dos colecionadores, que acumulam objetos sem previsão de uso e atribuem significados simbólicos e rituais a suas coleções. Nesse sentido, em uma sociedade de consumo, a identidade pessoal é frequentemente definida pela posse de bens materiais, e a avareza, considerada um pecado capital, é uma expressão desse comportamento, caracterizada pelo apego excessivo aos bens materiais. Historicamente, como frisam os autores, a religião funcionou como uma auditoria da consciência coletiva, moldando valores e condutas. Isso também pode ser visualizado nos versículos acima descritos. Contemporaneamente, o consumo transcende a identidade e o material, moldando a identidade do consumidor. Este estudo visa explorar os rituais, simbolismos e emoções envolvidos no comportamento dos colecionadores e analisar se esses traços convergem para um comportamento avarento, refletindo a influência do consumo na autoestima e no orgulho em uma sociedade consumista. Ponderamos, ainda, que, embora o estudo trate de um recorte social do século XXI, alguns pontos se ligam ao aspecto narrado em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, com aproximações e distanciamentos, tanto das concepções quanto nas práticas sociais que podem estar dirigidas pela noção da avareza.

Em continuidade à nossa pesquisa, frisamos o que Belo e Marzagão (2006) desenvolvem sobre bens financeiros: “O dinheiro tem a capacidade de ser um curinga universal, de ser um conversor absoluto; pode se transformar em qualquer objeto.” (Belo; Marzagão, 2006, p. 112). Ou seja, desprovido de uma identidade própria, o dinheiro está mais para uma potência dirigida ao que pode ser realizado com ele. Tal como apontam os autores, usa usabilidade é transitiva, pode ligar-se a qualquer domínio. Em tese, quanto mais dinheiro se tem, mais poder está disponível para o seu detentor. A partir dessas considerações, é importante aqui fazer a distinção entre dois tipos de sujeitos, que estão ligados ao poder financeiro, na perspectiva da conduta. O primeiro é o “avarento”, ou seja, aquele que é “muito apegado ao dinheiro; que tem

como paixão ou hábito juntar dinheiro; sovina, avaro, mesquinho.” (Dicio, 2024); e o segundo é o “perdulário”, aquele “que gasta em excesso; que esbanja, falando especialmente de alguém; dissipador, gastador: herdeiro perdulário.” (Dicio, 2024). Entre esses dois perfis temos uma relação diferente com o poder financeiro. Enquanto o avarento guarda para si esse poder, pois dele precisa para uma espécie de segurança subjetiva, segundo o qual, se ela for perdida, seu valor social também se desfaz; o perdulário faz uso desse poder sem reservas, demonstrando, semelhantemente, que o poder lhe favorecido pelo dinheiro o torna prestigiado socialmente. Na conclusão de Belo e Marzagão (2006), encontramos a seguinte relação entre esses sujeitos:

Se o avarento quer ser um alguém auto-conservativo, o perdulário perde as rédeas do desejo e é tomado por ele. Comparar esse par de opostos mais que nunca mostra como a justa oposição significa a mesma coisa no inconsciente: ambos estão tomados pela compulsão à repetição. Um tenta recusar o desejo, o outro tenta satisfazer todos. (Belo; Marzagão, 2006, p. 126)

Essa contextualização é fundamentada pela teorização psicanalítica sobre a avareza e o perdularismo, que também consagra a equivalência inconsciente entre fezes e dinheiro. Essa teoria tende a reprimir a presença do outro na aprendizagem do controle dos esfíncteres e suas possíveis relações com o manejo do dinheiro. Sabemos que a avareza é caracterizada pelo extremo controle financeiro, enquanto o perdularismo define a pessoa que gasta todo o seu dinheiro de maneira impulsiva e descontrolada, sem refletir sobre suas despesas. O avarento evita qualquer tipo de gasto, sempre ponderando sobre as consequências de usar seus recursos financeiros, acreditando que, ao gastar, não trará prejuízo nem a si mesmo, nem a terceiros. Por outro lado, o perdulário é aquele que gasta demasiadamente, justificando suas ações com o argumento de que o dinheiro é seu, tendo sobre isso domínio pleno.

A Psicanálise, a partir das considerações de Belo e Marzagão (2006), pontua que interesse erótico original na defecação está destinado a extinguir-se com o passar dos anos, sendo gradualmente substituído pelo interesse pelo dinheiro, que não existia na infância. Na ótica dos autores, o dinheiro, com sua capacidade de ser um curinga universal, pode se transformar em qualquer objeto, satisfazendo diversos desejos devido à sua conversibilidade infinita e neutralidade. No entanto, essa capacidade é barrada quando o próprio dinheiro se torna o objeto de desejo. Pois, sendo objeto e não mais meio para se alcançar objetos desejados, o dinheiro, passa a ser encarado de outra forma, torna-se aquilo que se retém. A avareza, como discutido por esses autores, não só evidencia um apego ao dinheiro, mas também representa uma forma de controle da angústia, onde o avarento acumula riqueza como substituto de ligações emocionais. Para dar melhor exemplificação sobre esses postulados, vejamos a seguir algumas obras literárias que contribuíram para a percepção dessa discussão.

A peça *O Avarento*, de Molière⁴, estreada na França em 1668, exemplo

⁴ Molière (1622-1673), renomado dramaturgo francês do século XVII, foi um dos principais expoentes do teatro de sua época, especialmente reconhecido por suas sátiras, comédias e tragédias. Para mais informações, consulte: <https://www.ebiografia.com/moliere/> [acessado em: 19 maio 2024].

mencionado por Belo e Mazagão (2006), ilustra a ação da avareza através do personagem Harpagão, que, devido ao seu comportamento obsessivo e perseguidor, acaba enterrando seu dinheiro no jardim para protegê-lo. Este comportamento reflete uma tentativa de controlar a ansiedade e simboliza a falência do seu egoísmo. A avareza transforma o dinheiro em uma representação de poder e segurança, mas, ao mesmo tempo, revela uma quebra interna no avaro, que vê a si mesmo como um ladrão de seus próprios bens. Essa obsessão pelo dinheiro leva a uma busca estéril e destrutiva, onde o desejo de acumular riqueza perverte as trocas na comunidade e impede a circulação saudável de valores que sustentam as relações sociais. Na ótica de Santos (2017), “no caso de Molière, Harpagão é avaro, mas os seus defeitos não se limitam à avareza, eles estão associados ao egoísmo e à insensibilidade.” (Santos, 2017, p. 117). Ou seja, a ação narrativa dessa personagem não limita sua atividade para si, mas possui ela uma repercussão social, motivo pelo qual a avareza é questionada como valor positivo, pois sua dimensão não é individual, mas pode ter efeitos na vivência comunitária.

Em contraste, ao aspecto centralizador da narrativa anterior, Belo e Mazagão (2006) tratam da peça *Timão de Atenas*⁵, de Shakespeare⁶ que ajuda a entender o perdularismo. Timão, inicialmente generoso e adulado supostos amigos, pois depois fica claro as intenções deles não eram amistosas, se torna um misantropo, ou seja, uma pessoa que odeia a humanidade, avessa às pessoas. A personagem transforma-se, após ser abandonado por esses amigos em momento de necessidade, quando perde sua fortuna, fruto de suas inúmeras dívidas. Tendo sua fortuna, favorecida pelo dinheiro, embora pareça desprezá-lo, na verdade, o supervaloriza ao usá-lo para criar inúmeras conexões sociais, dentre as quais se revela no oferecimento de grandiosos jantares com pessoas ilustres. No entanto, quando essas conexões falham, a frustração de Timão transforma o dinheiro em um símbolo de destruição e corrupção, promovendo comportamentos socialmente destrutivos como prostituição, roubo e assassinato. Ao comentar sobre essa peça, Prado (2018) aponta: “Em Timon de Atenas, o mordomo aconselha Timon a não esbanjar e é repellido por ele; Timon fica pobre por causa das dívidas, rejeitado pelos amigos e banido pelo crime de dívida pelo Senado.” (Prado, 2018, p. 812). Ou seja, mesmo com alguém disposto a denominar que a prática perdulária traria danos ao sujeito, ele, imerso na sua volúpia pelos prazeres favorecidos pelo dinheiro, demonstra-se insensível.

Assim, tanto a avareza quanto o perdularismo são formas de lidar com a angústia e o desejo, revelando o profundo impacto psicológico e social do dinheiro na vida humana. Embora não tratemos, diretamente, das diferenças dessas concepções na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, sendo nosso foco, aqui, a dimensão da avareza. Entendemos que realizar essa diferenciação é importante para compreendemos sobre essas práticas sociais que envolvem a relação do homem com o dinheiro possuem diferentes significados, sendo traduzidas em diversas obras literárias, tais como as expostas acima.

⁵ Em algumas traduções para a língua portuguesa, o título para essa peça é *Timon de Atenas*.

⁶ William Shakespeare (1564-1616) foi um renomado dramaturgo e poeta inglês, reconhecido por suas icônicas tragédias como *Hamlet*, *Otelo*, *Macbeth* e *Romeu e Julieta*, estabelecendo-se como uma das maiores figuras literárias da língua inglesa. Para mais informações, consulte: https://www.ebiografia.com/william_shakespeare/ [acessado em: 19 maio 2024].

No tópicos a seguir pontuamos nossas considerações em torno da avareza, tendo por foco nossa interpretação de trechos selecionados no romance machadiano focalizado em nossa pesquisa.

4 A AVAREZA EM *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*, DE MACHADO DE ASSIS: ALGUMAS REPRESENTAÇÕES

Após essa exploração inicial, acerca do teor da narrativa em questão, ao qual fizemos um panorama, seguindo dos comentários sobre discursos teóricos sobre a avareza, partimos agora para a discussão de trechos do romance em foco. Para tanto, selecionamos momentos nos quais existiam as marcas linguísticas próprias ao campo do dinheiro e da avareza no texto. Dessa forma, realizamos o seguinte percurso. No primeiro momento, trechos que evidenciam a relação de Brás Cubas com o dinheiro. No segundo, dispomos nossos comentários sobre a menção ao termo “avaro” e “avareza” na configuração narrativa presente na obra.

Antes, apresentamos um quadro onde os termos relacionados ao dinheiro e a avareza estão presentes no texto machadiano focalizado na nossa pesquisa. Vale ressaltar que os trechos fazem parte de capítulos na obra, sendo necessário, para compreensão contextual maior, a leitura do próprio capítulo. Como não temos espaço para essa configuração, tratamos de apresentar, apenas, onde os termos ocorrem. Caso o leitor tenha interesse em mais informações, deve ir ao texto machadiano. Nosso objetivo com a demonstração do quadro refere-se ao fato de comunicar a existência do aproveitamento narrativo sobre a temática aqui estudada na obra. Posteriormente, discutiremos alguns dos trechos presentes nesse quadro com mais detalhamento. Por hora, dispomos os fragmentos abaixo a título de exemplificação da presença lexical de termos que se correlacionam com o dinheiro e com a avareza.

Quadro 02: trechos onde ocorrem termos correlatos à relação de Brás Cubas com o dinheiro e com a avareza

Dinheiro	Avareza
<p>(a) CAPÍTULO XXI / O ALMOCREVE</p> <p>Ri-me, hesitei, meti-lhe na mão um cruzado em prata, cavalguei o jumento, e segui a trote largo, um pouco vexado, melhor direi um pouco incerto do efeito da pratinha. Mas a algumas braças de distância, olhei para trás, o almocreve fazia-me grandes cortesias, com evidentes mostras de contentamento. (Assis, 2004, p. 55).</p> <p>(b) CAPÍTULO LII / O EMBRULHO MISTERIOSO</p> <p>Era tarde; a curiosidade estava aguçada, como deve estar a do leitor; desfiz o embrulho, e vi... achei... contei... recontei nada menos de cinco contos de réis. Nada menos. Talvez uns dez mil-réis mais. Cinco contos em boas notas e moedas, tudo asseadinho e arranjadinho, um achado raro. Embrulhei-as de novo. (Assis, 2004, p. 52)</p>	<p>(a) CAPÍTULO XXV/ NA TIJUCA</p> <p>Sabina desejava que eu fosse morar com ela algum tempo, — duas semanas, ao menos; meu cunhado esteve a ponto de me levar à fina força. Era um bom rapaz este Cotrim; passara de estróina a circunspecto. Agora comerciava em gêneros de estiva, labutava de manhã até à noite, com ardor, com perseverança. De noite, sentado à janela, a encaracolar as suíças, não pensava em outra coisa. Amava a mulher e um filho, que então tinha, e que lhe morreu alguns anos depois. Diziam que era avaro. (Assis, 2004, p. 60)</p> <p>(b) CAPÍTULO LXV / OLHEIROS E ESCUTAS</p> <p>A segunda pessoa era um parente de Virgília, o Viegas, um cangalho de setenta invernos, chupado e amarelado, que padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos</p>

<p>(c) CAPÍTULO CXVI / FILOSOFIA DAS FOLHAS VELHAS</p> <p>A partida de Virgília deu-me uma amostra da viuvez. Nos primeiros dias meti-me em casa, a fisgar moscas, como Domiciano, se não mente o Suetônio, mas a fisgá-las de um modo particular: com os olhos. Fisgava-as uma a uma, no fundo de uma sala grande, estirado na rede, com um livro aberto entre as mãos. Era tudo: saudades, ambições, um pouco de tédio, e muito devaneio solto. Meu tio cônego morreu nesse intervalo; item, dois primos. Não me dei por abalado: leve-os ao cemitério, como quem leva dinheiro a um banco. Que digo? como quem leva cartas ao correio: selei as cartas, meti-as na caixinha, e deixei ao carteiro o cuidado de as entregar em mão própria. Foi também por esse tempo que nasceu minha sobrinha Venância, filha do Cotrim. Morriam uns, nasciam outros: eu continuava às moscas. (Assis, 2004, p. 167)</p>	<p>teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado. Os olhos, porém luziam de muita vida e saúde. Virgília, nas primeiras semanas, lhe tinha medo nenhum; dizia-me que, quando o Viegas parecia espreitar, com o olhar fixo, estava simplesmente contando dinheiro. Com efeito, era um grande avaro. (Assis, 2004, p. 113)</p> <p>(c) CAPÍTULO LXXXVII / GEOLOGIA</p> <p>Sucedeu por esse tempo um desastre; a morte do Viegas. O Viegas passou aí de relance, com os seus setenta anos, abafados de asma, desconjuntados de reumatismo, e uma lesão de coração por quebra. Foi um dos finos espreitadores da nossa aventura. Virgília nutria grandes esperanças em que esse velho parente, avaro como um sepulcro, lhe amparasse o futuro do filho, com algum legado; e, se o marido tinha iguais pensamentos, encobria-os ou estrangulava-os. (Assis, 2004, p. 137).</p> <p>(d) CAPÍTULO CXXIII / O VERDADEIRO COTRIM</p> <p>Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Argüiam-no de avareza, e cuide que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. (Assis, 2004, p. 177)</p>
---	--

Fonte: dados da pesquisa (2024).

Como se pode observar nesse quadro, em alguns trechos existe a dimensão de relacionamento de Brás Cubas com o dinheiro; e, em outros, com a avareza. Na relação com o dinheiro podemos observar que esse instrumento de poder está para a personagem como algo de grande importância. Poderíamos incluir nessa listagem os momentos em que termos relacionados ao ato de comprar ocorrem no romance. Pois, temos neles a ocasião do usufruto do dinheiro em bens consumíveis: joias para Marcela, atividades de compra e venda ao qual o narrador descreve sobre atividades alheias recuperadas em suas memórias, além das ações que demandam indiretamente a intervenção com dinheiro, como sua ida à Europa, regresso, dentre outras atividades. No quadro, nesse relacionamento, buscamos algo que focalizasse o próprio Brás Cubas, por isso justificamos os trechos mencionados. Quanto à perspectiva da avareza, verifica-se que o narrador-personagem costuma utilizar a adjetivação, “avaro”, para qualificar alguns personagens. Sua posição de um defunto-autor, enquanto alguém que está fora de uma dinâmica de relações em curso, propicia

essa avaliação. Ao fazer uso de um discurso socialmente constituído sobre a avareza, Brás Cubas dirige seu olhar de observador-avaliador determinando, a partir de sua matriz cultural de referência, construída a partir da dimensão bíblica que formaliza o saber comum sobre a avareza, quem é o “avaro”. Não faz discurso sobre si, nesse quesito. Provavelmente, sua posição de quem pode recuperar memórias, sendo o centro disso sua própria vida, e sendo a vida alheia um acessório para fundamentar o seu vivido, pondera em favor de tipificar aqueles que rodearam sua vivência. A consciência da avareza está para o outro; não para o si mesmo, no teor narrativo.

Seguimos abaixo com reflexões específicas sobre os trechos em que ocorrem a relação de Brás Cubas com o dinheiro e, em seguida, suas representações em torno da avareza. Esse movimento interpretativo se dá pela razão de compreendermos que sendo a avareza um qualificativo moral relacionado com a posse do dinheiro, antes de tratarmos dela, precisamos ponderar sobre o seu objeto de apreciação.

4.1 Relações de Brás Cubas com o dinheiro

Inicialmente, apresentamos as citações para depois realizamos a contextualização delas, no romance, seguindo de nossas interpretações que giram em torno de como o personagem-narrador estabelece o contato com o dinheiro em suas memórias. Vejamos.

Ri-me, hesitei, meti-lhe na mão um cruzado em prata, cavalguei o jumento, e segui a trote largo, um pouco vexado, melhor direi um pouco incerto do efeito da pratinha. Mas a algumas braças de distância, olhei para trás, o almocreve fazia-me grandes cortesias, com evidentes mostras de contentamento. Adverti que devia ser assim mesmo; eu pagara-lhe bem, pagara-lhe talvez demais. Meti os dedos no bolso do colete que trazia no corpo e senti umas moedas de cobre; eram os vinténs que eu devera ter dado ao almocreve, em lugar do cruzado em prata. Porque, enfim, ele não levou em mira nenhuma recompensa ou virtude, cedeu a um impulso natural, ao temperamento, aos hábitos do ofício; acresce que a circunstância de estar, não mais adiante nem mais atrás, mas justamente no ponto do desastre, parecia constituí-lo simples instrumento da Providência; e de um ou de outro modo, o mérito do ato era positivamente nenhum. Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me pródigo, lancei o cruzado à conta das minhas dissipações antigas; tive (por que não direi tudo?) tive remorsos. (Assis, 2004, p. 55).

O trecho está localizado no capítulo XXI, do romance em análise e se intitula “O almocreve”. Esse título se dá pelo personagem que interage com Brás Cubas, o nome da profissão daquele que está acostumado em tratar de animais equinos. Na situação, o narrador enfrenta uma situação complicada quando seu jumento empaca, levando-o a cair após várias tentativas frustradas de fazê-lo se mover. Um almocreve aparece e ajuda Brás, segurando o animal e evitando um acidente grave. Brás inicialmente pensa em recompensar o almocreve com ouro, mas acaba dando-lhe apenas uma moeda de prata, refletindo sobre a generosidade e a pobreza do homem. Posteriormente, Brás se arrepende de não ter dado apenas vinténs de cobre, considerando que a ajuda do almocreve foi um gesto espontâneo e desinteressado. Este capítulo destaca as reflexões do narrador sobre a natureza humana e a desigualdade social.

Porém, sua conduta, no trecho, delega o teor de valorização do dinheiro e desvalorização das atividades humanas. Não entendemos aqui, plenamente, uma

manifestação da avareza, mas o efeito de não compreender a qualidade da ação realizada pelo personagem-narrador sobre oferecer recompensa a quem lhe deu ajuda. A moeda de troca é questionada. O relacionamento com o dinheiro, nesse sentido, está para o entendimento de que só é possível demandar maior valor a algo que não seja fruto da espontaneidade. Lembramos com isso, por exemplo, a relação de Brás Cubas com a compra de joias para conquistar Marcela, em capítulos anteriores ao aqui descrito. O uso do dinheiro representava conseguir o, supostamente, inatingível, a adesão da personagem feminina, cujo afeto se manifestava com grandes investimentos financeiros do personagem principal do romance em comprar joias para presentear-lá. Numa comparação disso, com a perspectiva do perdularismo, podemos entender que o dinheiro utilizado por Brás Cubas só poderia ter uso em algo que lhe desse algum retorno de prazer. Como a atividade cotidiana não está inscrita nesse prisma, cabe a reflexão do personagem em não ter de pagar ao almocreve pela ação já desenvolvida por ele em ato espontâneo.

Seguimos nossa interpretação com trecho abaixo mencionado, de outro momento no romance.

E hesitei um instante, creio que por vergonha; assaltou-me outra vez o receio da pulha. É certo que não havia ali nenhuma testemunha externa; mas eu tinha dentro de mim mesmo um garoto, que havia de assobiar, guinchar, grunhir, patear, apupar, cacarejar, fazer o diabo, se me visse abrir o embrulho e achar dentro uma dúzia de lenços velhos ou duas dúzias de goiabas podres. Era tarde; a curiosidade estava aguçada, como deve estar a do leitor; desfiz o embrulho, e vi... achei... contei... recontei nada menos de cinco contos de réis. Nada menos. Talvez uns dez mil-réis mais. Cinco contos em boas notas e moedas, tudo asseadinho e arranjadinho, um achado raro. Embrulhei-as de novo. Ao jantar pareceu-me que um dos moleques falara a outro com os olhos. Ter-me-iam espreitado? Interroguei-os discretamente, e concluí que não. Sobre o jantar fui outra vez ao gabinete, examinei o dinheiro, e ri-me dos meus cuidados maternos a respeito de cinco contos, — eu, que era abastado. [...] Nesse mesmo dia levei-os ao Banco do Brasil. Lá me receberam com muitas e delicadas alusões ao caso da meia dobra, cuja notícia andava já espalhada entre as pessoas do meu conhecimento; respondi enfadado que a coisa não valia a pena de tamanho estrondo; louvaram-me então a modéstia, — e porque eu me encolerizasse, replicaram-me que era simplesmente grande. (Assis, 2004, p. 94-95).

O presente fragmento faz parte do capítulo LII, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, intitulado "O Embrulho Misterioso". Nele, o narrador encontra um embrulho na praia de Botafogo e, intrigado, decide levá-lo para casa. Após hesitar, abre o embrulho e descobre cinco contos de réis em boas notas e moedas. Preocupado com a possibilidade de ser observado, Brás Cubas guarda o dinheiro e tenta esquecer o incidente, refletindo sobre a sorte e a honestidade do achado. Ele considera utilizar o dinheiro para uma boa ação, como um dote para uma menina pobre, e deposita-o no Banco do Brasil, onde recebe elogios pela modéstia e integridade ao lidar com a situação.

Nesse trecho encontramos mais uma relação com o dinheiro, agora, demonstrando o modo como o narrador-personagem vivencia o ato de encontrar dinheiro alheio, que pela segunda vez acontece. No capítulo anterior ao da citação, o LI, o narrador-personagem encontra na rua uma moeda de ouro, meia dobra. Depois de certo tempo de reflexão, ele resolve devolvê-la ao seu suposto dono possível. Como não o sabe quem é, remete uma carta à polícia solicitando que encontrem o dono da moeda para devolvê-la. Esse episódio será lembrado pelos funcionários do Banco do Brasil, no capítulo da citação acima. Diante deles, a ideia de boa-ventura de

Brás Cubas o torna alguém confiável para a instituição financeira.

No capítulo em análise, encontramos outro modo de abordar o dinheiro. Nessa perspectiva, isolado do contato com outros sujeitos, a quantia encontrada coloca o narrador-personagem como sujeito reflexivo, hesitando em abrir o pacote para revelar seu conteúdo e sobre o que fazer com o achado. Essa atitude não é fácil para ele, pois, sem resolução sobre o que fazer, avalia como julgará a recolha do pacote. A atividade financeira de guardá-lo num banco afirma a imagem de Brás Cubas como alguém organizado com os bens para a aquisição de objetos de consumo. O dinheiro representa poder para fazer usufruto. Como ele não possui, em tese, essa dimensão no momento, é compelido, até, a oferecer a quantia a outra pessoa necessitada, como pode ser recuperado na leitura integral do capítulo. Porém, decide por guardá-lo. Entendemos nisso que não existe, assim como no trecho anterior, uma vinculação plena dessa atitude com a avareza. Ao guardar no banco, o dinheiro achado, Brás Cubas se coloca como sujeito que valoriza a moeda, muito embora essa valorização não esteja vinculada, nesse trecho, a um uso imediato. A perspectiva da avareza poderia, em tese, estar nessa valorização do dinheiro, mas a hesitação inicial desenvolve uma reflexão, usar ou não, devolver o não (mas, para quem?), o dinheiro encontrado. Ao se colocar reflexivo ao pensar no uso do dinheiro, Brás Cubas distancia-se de uma qualificação específica de avareza. Seria ele avarento, caso se colocasse, de pronto, na guarda do dinheiro. Em sentido amplo, possivelmente, essa vinculação poderia ocorrer, pois, ao final do capítulo visualizamos que ele busca o banco para fazer o dinheiro ser guardado.

Nesse trecho vemos que Brás Cubas aproveita a oportunidade inesperada ocorrida. Da primeira vez, age com espírito de boa-fé, devolvendo o dinheiro; da segunda, o retém. Esse ato de reter está mais para a vivência do equilíbrio entre as ações do narrador-personagem. Primeiramente, destinado à devolução do dinheiro; e, por fim, ao seu acúmulo. Colocamos nisso, nesse segundo momento, a qualificação do sujeito precavido, uma vez que a quantia financeira é maior. E, certamente, esse valor, pelos atos da personagem, possui alguma destinação. Não cremos na plenitude centrada desse ato na avareza, visto que ele está sempre a gastar com alguma necessidade na narrativa, principalmente na relação com mulheres, tendo em vista a manutenção dos afetos, seja com Marcela ou com Virgília, cada uma com suas singularidades. No mesmo capítulo, ele afirma que, posteriormente, utilizará o dinheiro em uma boa ação.

4.2 Relações de Brás Cubas com a avareza

A relação direta, possível de ser rastreada entre Brás Cubas e a avareza reside na perspectiva de seu discurso narrativo avaliador dos tipos humanos que o rodeiam. No caso, duas personagens masculinas possuidoras de relação indireta com o narrador-personagem: Viegas, um parente de Virgília, personagem essa que possui relação adúltera com Brás Cubas; e Cotrim, o marido de Sabina, irmã do narrador. Abaixo desenvolvemos algumas ponderações sobre essas duas personagens avaras, na concepção do defunto-autor.

Inicialmente, apresentamos as citações que descrevem a personagem Viegas, a partir do capítulo LXV, na primeira citação; e no capítulo LXXXVII, na segunda. Para tanto, após a exposição dos trechos, desenvolvemos pequeno resumo do capítulo para, por fim, tecer nossas considerações interpretativas. Vejamos.

A segunda pessoa era um parente de Virgília, o Viegas, um cangalho de

setenta invernos, chupado e amarelado, que padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado. Os olhos, porém luziam de muita vida e saúde. Virgília, nas primeiras semanas, lhe tinha medo nenhum; dizia-me que, quando o Viegas parecia espreitar, com o olhar fixo, estava simplesmente contando dinheiro. Com efeito, era um grande avaro. (Assis, 2004, p. 113)

No capítulo LXV intitulado "Olheiros e Escutas", Brás Cubas e Virgília são interrompidos pela chegada da baronesa X, que insiste em falar com Virgília apesar de uma suposta dor de cabeça. A baronesa, que suspeita do relacionamento entre Brás Cubas e Virgília, se mostra excessivamente curiosa e perspicaz, disfarçando suas intenções sob uma conversa aparentemente trivial. Além dela, Brás Cubas menciona outros personagens que também, supostamente, vigiam o casal: o avarento e doente Viegas, o primo Luís Dutra, e várias senhoras e servos, todos formando uma rede de olheiros e escutas que os obrigam a agir com extrema cautela.

Seguindo na nossa exposição, temos a citação abaixo, ainda em torno de Viegas.

Sucedeu por esse tempo um desastre; a morte do Viegas. O Viegas passou aí de relance, com os seus setenta anos, abafados de asma, desconjuntados de reumatismo, e uma lesão de coração por quebra. Foi um dos finos espreitadores da nossa aventura. Virgília nutria grandes esperanças em que esse velho parente, avaro como um sepulcro, lhe amparasse o futuro do filho, com algum legado; e, se o marido tinha iguais pensamentos, encobria-os ou estrangulava-os. (Assis, 2004, p. 137).

No capítulo LXXXVII, ocorre a morte de Viegas, parente idoso e doente de Virgília. Ela esperava que ele deixasse um legado para seu filho. Lobo Neves, marido de Virgília, embora pudesse compartilhar dessa expectativa, mantinha uma dignidade fundamental que resistia às pressões da vida, comparada a camadas geológicas de rocha sólida sob a terra solta e areia. O narrador introduz a ideia de uma "geologia moral" dos personagens, exemplificada por Jacó Tavares, um homem de probidade exemplar, que recusou enriquecer desonestamente, mas que também mentia em situações sociais para evitar aborrecimentos, argumentando que a veracidade absoluta é incompatível com a convivência urbana.

Nas duas situações, ou seja, nos capítulos LXV e LXXXVII, encontramos a voz narrativa tecendo avaliações sobre a avareza presente em Viegas. Vale destacar, nessa proposição, que o avaro é o outro, não o si mesmo. A posição de defunto-autor, nesse caso, que poderia servir de uma confissão da avareza, torna-se promotora da avaliação dos tipos humanos. Descompromissado da ordem social e civilizada, Brás Cubas designa a avareza para Viegas como uma ordenação pejorativa. No contexto do capítulo LXV, Viegas é o avaro que conta dinheiro, numa espécie de simulação, aos olhos do narrador, mas que, na verdade, está à espreita de seu caso amoroso com Virgília. No segundo contexto, Viegas, após uma listagem de qualificativos negativos, em torno da situação de saúde dele, feita por Brás Cubas, é referendado como "avaro como um sepulcro". Ou seja, nesse caso, toda condição física da personagem é reduzida ao elemento de perfil comportamental, como se uma radiografia do corpo se estendesse para uma da alma, na ótica do narrador. A forma abjeta que Brás Cubas qualifica Viegas se constitui pelo fator de delação possibilitado pela sua presença e proximidade como Virgília. Sendo ele alguém que pode

descortinar os interditos vivenciados pelos personagens adúlteros, de forma desqualificar a proximidade de Virgília com o narrador-personagem, a construção da sua imagem recai na avareza. Indicar o vício de Viegas é a saída de Brás Cubas para suscitar sua posição que, pelo discurso narrativo, distancia-se do avaro, sendo ele alguém no qual o uso do dinheiro tem finalidades precisas, como a própria manutenção da condição adúltera vivenciada.

O outro momento na narrativa no qual a ação qualificativa sobre a avareza do outro se constitui em direção à personagem Cotrim, como abaixo podemos visualizar.

No sétimo dia, acabada a missa fúnebre, travei de uma espingarda, alguns livros, roupa, charutos, um moleque, — o Prudêncio do capítulo XI, — e fui meter-me numa velha casa de nossa propriedade. Meu pai forcejou por me torcer a resolução, mas eu é que não podia nem queria obedecer-lhe. Sabina desejava que eu fosse morar com ela algum tempo, — duas semanas, ao menos; meu cunhado esteve a ponto de me levar à fina força. Era um bom rapaz este Cotrim; passara de estróina a circunspecto. Agora comerciava em gêneros de estiva, labutava de manhã até à noite, com ardor, com perseverança. De noite, sentado à janela, a encaracolar as suíças, não pensava em outra coisa. Amava a mulher e um filho, que então tinha, e que lhe morreu alguns anos depois. Diziam que era avaro. (Assis, 2004, p. 60).

No capítulo XXV intitulado "Na Tijuca", do qual provém a citação acima, o narrador descreve seu período de reclusão em uma casa na Tijuca após a morte de sua mãe. Apesar dos esforços de seu pai e de sua irmã Sabina para demovê-lo, ele se isola com apenas alguns pertences e seu escravo Prudêncio. Durante esse tempo, ele se entrega à leitura, à caça e à introspecção, refletindo sobre a tristeza e a hipocondria que começa a tomar conta de seu espírito. Após uma semana, sente-se saturado da solidão e decide voltar à vida social. Ao saber que Dona Eusébia, uma conhecida de eventos passados e responsável por vestir o corpo de sua mãe, se mudou para uma casa próxima, Brás Cubas decide visitá-la, marcando o fim de seu período de reclusão.

Seguindo na exploração da avareza disposta por Brás Cubas, encontramos outra citação na qual Cotrim é avaliado pelo narrador-personagem, como vemos abaixo.

Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Argüiam-no de avareza, e cuide que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. (Assis, 2004, p. 177)

No Capítulo CXXIII, de onde veio a citação supramencionada, desenvolve-se a narrativa em que, o protagonista, Brás Cubas, consulta seu cunhado, Cotrim, antes de pedir a mão de Nhã-loló em casamento. Essa personagem era sobrinha de Cotrim. Ele, apesar de não ter opinião em negócios de parentes, confessa que não aconselharia o casamento. A procura de uma pretendente para estabelecer laço matrimonial é uma estratégia realizada por Brás Cubas para concorrer a um cargo político, elemento endossado por Cotrim. No trecho, ele é descrito como tendo um

caráter ferozmente honrado, embora tenha sido acusado de avareza. Cotrim mandava escravos ao calabouço, mas apenas os perversos e fujões. Além disso, era tesoureiro de uma confraria e irmão de várias irmandades, o que não condizia com sua reputação de avarento. Embora pudesse dever algumas atenções, não devia um real a ninguém.

Na perspectiva narrativa apresentada, aqui, a avareza de Cotrim, é representada com menos acidez, em relação ao personagem Viegas. Como esse possui a potencialidade da delação do caso adúltero mantido por Brás Cubas, sua abordagem qualificativa é mais ácida. Cotrim, sendo marido da sua irmã, Sabina, é reconhecido como avaro, certamente, dada a confusão estabelecida na divisão da herança do pai de Brás Cubas, elemento desenvolvido no capítulo XLVI. Mesmo com essa condição que opôs os irmãos, Cotrim é consultado para finalidades intencionais do narrador-personagem sobre a possibilidade de casamento com a sua sobrinha.

Na citação sobre a avareza de Cotrim, no capítulo XXV, temos apenas a designação qualitativa desse outro, aquele que não inclui a subjetividade de Brás Cubas, o não-eu, o assunto do qual o narrador trata. Porém, é na citação do capítulo CXXIII que vamos ter uma definição mais detalhada sobre a avareza enquanto elemento cognoscível no discurso narrativo do defunto-autor. Trata-se de encarar a avareza como uma virtude, ou seja, uma subversão do ideal comum de que ela é um vício que, necessariamente, precisa de correção, tal como indicam os versículos bíblicos destacados anteriormente. A ideia de considerar a avareza como elemento econômico, utilizando dos termos “saldo” e “déficit”, ou seja, um é o resultado positivo, indicando lucro, enquanto o outro é um resultado negativo, indicando prejuízo ou perda, revela sua relação com o dinheiro. O avaro é aquele que retém o poder financeiro com finalidade exclusiva na retenção. Não existe designativo na utilização desse poder econômico acumulado, uma vez que o objeto do desejo do avaro é a retenção desse poder. Em contrapartida, o perdulário é o que gasta esse dinheiro excessivamente. Como Brás Cubas possui traços de perdularismo, ter poder financeiro retido é encarado como algo positivo. Afinal, para gastar, é preciso ter o dinheiro acumulado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a discussão empreendida no nosso trabalho que compreendeu, na primeira seção, o panorama da obra, desenvolvendo sua síntese; os comentários críticos de autorias teóricas sobre a avareza; por fim, a interpretação dos trechos do romance onde pudemos verificar a relação de Brás Cubas com o dinheiro e com a avareza, chegamos ao momento final do trabalho onde desenvolvemos sinteticamente a resposta à nossa questão de pesquisa. Conforme disposto na introdução, assim ela descreve-se: como a avareza é representada na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, nos trechos selecionados para interpretação? A seguir apresentamos nossas ponderações finais que tentam responder essa questão a partir de todo percurso analítico desenvolvido nesse artigo.

Diante do percurso empreendido, podemos dizer que a avareza é representada como elemento qualificativo presente no discurso de Brás Cubas em relação aos personagens que o rodeiam e com os quais ele estabelece alguma relação na sua vivência afetiva. No caso, temos de Viegas, parente de Virgília, sua amante; e de

Cotrim, marido de sua irmã, Sabina. É importante ressaltar que Brás Cubas não se reconhece como avaro. Na sua perspectiva de relação com o dinheiro, podemos dizer que ele possui alguns traços do comportamento perdulário e também do avarento. Não podemos fechar a qualificação da personagem com um desses adjetivos, dada a sua complexidade na trama. Por um lado, ele pode ser perdulário, é aquele que gasta quantias na aquisição de joias para Marcela, mas também é aquele que se arrepende em fornecer uma moeda de prata ao almocreve, o que em certa medida poderia sugerir a ideia de avareza. Ainda, ele é aquele que ao encontrar uma quantia em dinheiro de posse anônima, reflete sobre sua utilização. Num primeiro momento, faz devolução dessa quantia, no segundo, retém no banco com a compensação de utilizá-lo, posteriormente, em uma boa ação. Portanto, quanto a qualificação de Brás Cubas como avarento ou perdulário, à nossa ótica, é algo que não se sustenta plenamente. O que de fato percebemos é a possibilidade de ele possuir traços de cada uma dessas qualificações.

O principal elemento dessa representação, como se pôde observar, está no discurso narrativo do defunto-autor, especialmente quando subverte a ideia da avareza como um vício, apresentando-a como uma virtude no caso específico de Cotrim. Ele considera a virtude de poupar para gastar com necessidades futuras, utilizando os termos saldo e déficit, e ressaltando a importância de possuir saldo em avareza. No entanto, ele não se reconhece como avaro, sempre atribuindo essa característica aos outros. Em nosso estudo, identificamos dois perfis masculinos que possuem algum tipo de relação triangular com o defunto-autor: o parente que está entre ele e sua amada Virgília; ou o marido de sua irmã. A proximidade entre quem avalia e quem é avaliado estabelece uma correlação com um perfil feminino. O avaro, nesse contexto, é aquele que tem algum conflito com Brás Cubas: seja quem pode denunciá-lo por adultério ou quem impediu que sua herança fosse maior.

Concluimos que esta análise destacou a representação da avareza, abordada em diversos trechos do romance machadiano estudado, incluindo o discurso narrativo do defunto-autor. Entendemos que a narrativa, nas expressões diegéticas estudadas, explora tanto a avareza do indivíduo avarento quanto a da pessoa perdulária, caracterizada pelo gosto excessivo em gastar dinheiro. Mesmo publicado há tantos anos, e com diversas páginas interpretativas a respeito das Memórias Póstumas de Brás Cubas, nos surpreendemos com a presença de elementos ainda a serem explorados. Nossa pesquisa poderia se desdobrar em outros elementos, como as possíveis relações entre personagens não mencionadas aqui, mas que contribuem para a configuração da avareza no discurso do narrador-personagem e merecem futura investigação. No entanto, limitamo-nos ao exposto, esperando que o leitor possa, em algum momento, avaliar nossos posicionamentos e contribuir para o desenvolvimento de novas leituras sobre essa egrégia obra da literatura brasileira do século XIX.

6 REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Barueri: Gold Editora, 2004.

BELO, Fábio Roberto Rodrigues; MARZAGAO, Lúcio Roberto. Avareza e perdularismo. **Psyche** (São Paulo) [online]. 2006, vol.10, n.19, pp. 109-128.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v10n19/v10n19a08.pdf>. Acesso em: 12 maio 2024.

BÍBLIA Sagrada versão pastoral. Pia Sociedade de São Paulo. Publicada em 2024. Disponível em: <https://biblia.paulus.com.br/>. Acesso em: 12 maio 2024.

COSTA, Marcos Roberto Nunes da; SILVA, Leila Rúbia da Costa. Os “Sete Pecados Capitais”, segundo Tomás de Aquino. **Ágora filosófica**, Ano 1, n.º 1, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.unicap.br/revistas/agora/arquivo/artigo%209.pdf>. Acesso em: 12 maio 2024.

DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 12 maio 2024.

PRADO, Thiago Martins. A função do conselho na obra trágica de Shakespeare.

Linha mestra, n.º 36, p. 810-813, set-dez, 2018. Disponível em:

<https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/239/261>. Acesso em: 19 maio 2024.

RIBEIRO, Iara Margolis; CORREIA, Walter Franklin Marques; CAMPOS, Fabio; Providência, Bernardo. A avareza, a sacralização, a materialização e o consumo. CAMPOS, Gevair (org). **Administração de Marketing: comportamentos e tendências dos consumidores.** São Paulo: Editora científica, 2020. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/artigos/a-avareza-a-sacralizacao-a-materializacao-e-o-consumo>. Acesso em: 10 abr. 2024.

SANTOS, Maricélia Nunes dos. Particularidades da avareza em *O Avarento*, de Molière. **Scripta Uniandrade**, Curitiba, Paraná, Brasil, v. 15, n.º 2, 2017, pp. 105-119. Disponível em:

<https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/766>. Acesso em: 19 maio 2024.